

### **3.1.6 DISLEXIA E A RELAÇÃO DOCENTE / DISCENTE NA PERSPECTIVA PSICOPEDAGÓGICA**

**E.G.A.de CARVALHO<sup>1</sup>; M. M. MUDO<sup>2</sup>**

<sup>1</sup> Mestre em psicopedagogia pela UNISA - Universidade de Santo Amaro; Coordenadora de Curso Pós-graduação em Psicopedagogia Institucional e clínica UNASP- SP e HT.

<sup>2</sup> Psicopedagoga Institucional e Clínica pelo Centro Universitário Adventista - UNASP, São Paulo- SP, Brasil.

evoditea@hotmail.com

ma.marques@icloud.com

#### **COMO CITAR O ARTIGO:**

CARVALHO, E. G. A. e MUDO, M. M. **Dislexia e a relação docente/discente na perspectiva psicopedagógica.** URL: [www.italo.com.br/portal/cepep/revista eletrônica.html](http://www.italo.com.br/portal/cepep/revista_eletronica.html). São Paulo SP, v.9, n.2, p. 219-247, abr/2019.

## RESUMO

Este artigo apresenta a importância da relação do docente e discente, frente as dificuldades de aprendizagem encontradas em sala de aula no que diz respeito a dislexia, pois ela é um dos transtornos de aprendizagem, o qual interfere no processo de aquisição da linguagem, e que afeta a leitura, a escrita, soletração, a produção de textos, e de outras atividades que envolvem a linguagem e o raciocínio lógico. Os primeiros sintomas da dislexia geralmente aparecem na escola, pois é onde, muitas vezes esse distúrbio é confundido com preguiça ou falta de atenção. Entretanto, quando a escola se vê como responsável pelo desenvolvimento das potencialidades acadêmicas do discente, ela precisara contar com docentes e equipe pedagógica melhor capacitados para identificar a dislexia. Assim o discente poderá ser encaminhado mais rapidamente para uma intervenção especializada, onde esse profissional ajudará com atividades cognitivas e pedagógicas junto ao aluno disléxico. Todo procedimento escolar, juntamente com o profissional, será conduzir o discente com dislexia a vencer barreiras, onde o docente deverá adotar uma postura de aceitação, de paciência, tolerância, perseverança e programas educativos específicos de apoio e auxílio no desenvolvimento deste discente.

**Palavras-chave:** Dislexia, docente, discente família e Psicopedagogia clínica.

## **ABSTRACT**

This article presents the importance of the relationship between the teacher and the student, facing the learning difficulties encountered in the classroom with regard to dyslexia, since it is one of the learning disorders, which interferes with the language acquisition process, and which affects reading, writing, spelling, the production of texts, and other activities involving language and logical reasoning. The first symptoms of dyslexia usually appear in school, as this is where, often this disorder is mistaken for laziness or lack of attention. However, when the school sees itself as responsible for developing the student's academic potential, it needs to have better teachers and pedagogical staff trained to identify dyslexia. This way the student can be referred more quickly to a specialized intervention, where this professional will help with cognitive and pedagogical activities with the dyslexic student. All school procedures, together with the professional, will lead the student with dyslexia to overcome barriers, where the teacher should adopt a posture of acceptance, patience, tolerance, perseverance and specific educational programs to support and assist in the development of this student.

**Key words:** Dyslexia, teacher, student, family and clinical psychopedagogy.

## 1 INTRODUÇÃO

Este artigo baseia-se na percepção de que é muito pouco disseminado o estudo da dislexia na formação do docente, e da importância da relação do docente e discente, frente as dificuldades em sala de aula com alunos disléxicos.

A dislexia é um distúrbio ainda pouco conhecido pelos docentes. Crianças com dificuldades na codificação e decodificação da leitura e da escrita, podem ser disléxicas e muitas vezes passam despercebida por professores e pais, e acabam sendo rotuladas como descompromissadas, mascarando o transtorno.

Todavia, a partir de uma análise mais profunda em um ambiente acolhedor e socializador, e comprometido com o discente, pode-se buscar uma educação mais próxima da necessidade, dentro de uma perspectiva psicopedagógica.

A etapa mais importante da vida escolar da criança é a aprendizagem da leitura e da escrita, pois vivemos em uma comunidade letrada. No entanto, ainda algumas crianças não conseguem se apropriar desse código de linguagem.

O estudo e o conhecimento sobre a dislexia podem possibilitar de forma abrangente e significativa, que o docente perceba como ocorre, como proceder, suas causas, metodologias. Entretanto, os disléxicos sentem dificuldades na linguagem, porém são muito inteligentes em outras habilidades.

Todo processo e o procedimento escolar é conduzir o discente com dislexia a vencer as barreiras, onde o docente deverá ter uma postura de acolhimento, de paciência, tolerância, perseverança e no auxílio da aprendizagem deste discente.

O discente com dislexia encontra dificuldades na aprendizagem, na aquisição da leitura e na escrita, na associação do som à letra (alfabeto) e tende a trocar algumas letras ou mesmo escrevê-las na ordem inversa.

Pretende-se que com este artigo sobre dislexia, possa contribuir para docentes e profissionais na educação e que tem a responsabilidade em informar para a sociedade a importância deste transtorno no meio educacional.

No decorrer da vida profissional, percebemos que muitos docentes não compreendem as dificuldades de seus discentes, assim os rotulam como preguiçosos, falta de compromisso, sem interesse com os estudos e a falta de atenção.

A preocupação desta pesquisa é elucidar as questões presentes dentro do ambiente escolar, e como objetivo central descrever a dislexia, sintomas, causas, diagnósticos e as possibilidades de intervenção pelo corpo docente.

## **2 OBJETIVOS**

- Contribuir na conscientização da importância da relação docente/discente, frente a dislexia;
- Entender as características do disléxico e sua inserção no processo de desenvolvimento do ensino/aprendizagem;
- Verificar a ação do docente na construção da aprendizagem do discente com dislexia e como trabalhar com alunos disléxicos, a partir de uma didática e conhecimentos específicos.

### **3 METODOLOGIA**

A pesquisa em pauta foi de caráter qualitativo, através de entrevista, coleta de dados, apresentação e discussão dos resultados. Para Chizzotti (2013, p. 28), “o termo qualitativo implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes”.

Foi realizada entrevista com uma aluna disléxica, de uma escola particular, confessional, da periferia da zona sul da cidade de São Paulo, com dificuldades severas de aprendizagem na leitura e escrita. Para Rosa e Arnoldi (2006, p. 17), “a entrevista é uma das técnicas de coletas de dados considerada como sendo uma forma racional de conduta do pesquisador, previamente estabelecida, para dirigir com eficácia um conteúdo sistemático de conhecimentos, de maneira mais completa possível, com mínimo de esforço de tempo.” O nome apresentado no relato de caso, é fictício e por questões éticas o nome real não foi mencionado.

Para a entrevista, a responsável assinou um Termo de Consentimento Livre e Esclarecimento, informando-a da questão de procedimentos éticos.

### **4 CONCEITUANDO DISLEXIA**

A leitura é algo que adquirimos quando criança, porém não faz parte do cotidiano de muitas pessoas. Acredita-se que quando a

criança vive em um ambiente letrado, ela aprenderá a ler com mais facilidade, porém isso é um engano, pois muitas meninas e meninos por mais inteligente que sejam e tenham muito interesse em ler, passam por dificuldades, mas não por sua cultura e sim, por um problema frustrante e persistente em aprender a ler e escrever chamado dislexia.

Tão maléfico quanto qualquer vírus, a dislexia pode incutir-se em todos os aspectos da vida de uma pessoa, sendo frequentemente descrita como uma incapacidade oculta, porque se pensava que não apresentava sinais visíveis.

Porém, antes de analisar os fatores das dificuldades na aprendizagem da leitura é importante compreender o que se denomina “dislexia” e o que chamamos de atraso na leitura. Mas, o que é a dislexia?

A dislexia é definida como um distúrbio ou transtorno de aprendizagem na área da leitura, escrita e soletração, em linguagem Expressiva ou Receptiva, e Razão e Cálculos Matemáticos, como na linguagem Corporal e Social. Esse transtorno abrange principalmente a leitura, a interpretação e os enunciados de textos. Porém, alguns autores fazem diferenciação entre leitores com atraso e sujeito disléxicos. Com isso, referem-se as crianças que tem um atraso de dois ou mais anos na aprendizagem da leitura e que pode ser devido a fatores emocionais, motivacionais, socioculturais ou educativos. No caso da dislexia, nenhum dos fatores mencionados é a causa explicativa, o que se conclui algumas crianças que apresentem dislexia tenham algumas das características mencionadas, associadas ao seu problema.

A dislexia, segundo Jean Dubois et al. (1993, p. 197), é um defeito de aprendizagem da leitura caracterizado por dificuldades na correspondência entre símbolos gráficos, às vezes mal reconhecidos, e fonemas, muitas vezes, mal identificados.

Ao contrário do que muitos pensam, a dislexia não é o resultado de má alfabetização, desatenção, desmotivação, condição socioeconômica ou baixa inteligência. Muitas crianças inteligentes são disléxicas, e a patologia não é frequentemente diagnosticada. A dislexia causa grandes dificuldades no aprendizado da leitura, em diferentes graus, é característica evidenciada em cerca de 80% dos disléxicos.

De acordo com a Associação Brasileira de Dislexia (ABD), pesquisas realizadas em vários países mostram que entre 0,5% e 17% da população mundial é disléxica. Esse transtorno afeta aproximadamente 3% a 10% das crianças e acomete mais meninos do que meninas. É uma condição hereditária com alterações genéticas neurológicas.

Segundo Sally Shaywitz (2006, p. 38), a dislexia não é apenas comum, é persistente. Durante muitos anos, os pesquisadores e educadores questionaram o fato de se a dislexia representava um atraso no desenvolvimento que as crianças de alguma forma suplantam ou se representava um déficit mais persistente na leitura. A questão é importante, pois se a dislexia for simplesmente um atraso no desenvolvimento da leitura – um obstáculo temporário -, depois será superada, e os pais e professores não precisam se preocupar com as primeiras dificuldades referentes a leitura. Por outro lado, se a dislexia não puder ser superada, há uma real

urgência de que tanto se faça a identificação precoce das crianças quanto se garanta que recebam auxílio tão logo sejam identificadas.

Por esses múltiplos fatores é que a dislexia deve ser diagnosticada por uma equipe multidisciplinar, sobre a qual falaremos mais adiante, esse tipo de avaliação dá condições de um acompanhamento pós diagnósticos mais efetivo, direcionado às particularidades de cada indivíduo, ou resultados concretos.

#### **4.1 Causas da Dislexia**

As causas da dislexia ainda não são bem claras, mas acredita-se em uma falha no funcionamento do cérebro para o processamento da leitura e da escrita. Esta disfunção cerebral acarreta um distúrbio do processamento temporal em que funções de percepção, repetição, armazenamento, nomeação, recuperação e acesso à informação estejam comprometidos.

A leitura é um processo que envolve a ativação de múltiplas regiões do cérebro, como o córtex visual nos lobos occipitais, o giro angular esquerdo, o lobo temporal esquerdo, onde possui a decodificação fonológica com a tradução de linguagem escrita para os sons da fala. Havendo qualquer falha em qualquer uma dessas regiões pode acarretar uma dificuldade específica na leitura, que podemos chamar de dislexia adquirida.

Na visão de Parente e Senaha (*Apud*: ACAMPORA, 2015, pp. 42-44), os tipos de Dislexia adquirida são:

**Dislexia por negligência:** a negligência é um distúrbio atencional, no qual o indivíduo apresenta dificuldades em responder

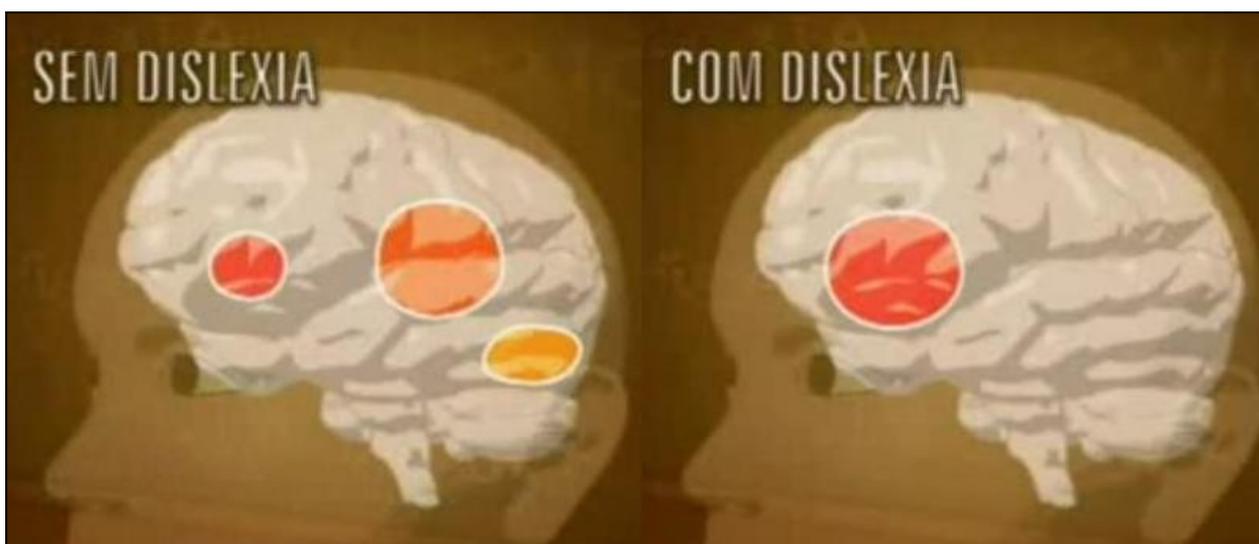
a um estímulo contralateral à lesão cerebral. A negligência pode ser somestésica (corporal) ou visual. Nesta última, o indivíduo pode apresentar falhas na leitura, apresentando dificuldade em ler parte dos estímulos verbais (normalmente o que está localizado à esquerda).

**Dislexia centrais:** as dislexias centrais apresentam ruptura de uma das vias de leitura que pode ocorrer na via perilexical ou na lexical. No primeiro caso, encontram-se as dislexias profunda, fonológica e assemântica; no segundo caso, a dislexia de superfície.

**Dislexia profunda:** provém da incapacidade de utilização da via perilexical, apresentando uma falha na via lexical. O indivíduo efetua trocas semânticas.

**Dislexia fonológica:** é aquela que apresenta uma ruptura na via perilexical. Os indivíduos não conseguem ler as palavras, mas possuem a via lexical intacta. Apresentam dificuldades de ler “qu”, por exemplo.

**Dislexia de superfície:** capacidade de leitura de neologismos (não palavras) e palavras regulares, mas incapacidade irregulares. Por exemplo: ao ler fixo, lê ficho. Outra dificuldade é dar tonicidade correta às palavras, seguindo regras de acentuação, leitura silabada e lentidão na leitura.



Fonte: Assumpção Junior (*apud*: ACAMPORA, 2015, p. 44)

Podemos destacar com clareza, por meio de imagens, indivíduos dislexos e não dislexos.

#### **4.2 Trabalhando com dislexos**

Assim que os professores percebam algumas dificuldades relacionadas a leitura e a escrita, deve-se encaminhar esse aluno para uma avaliação especializada, composta por Psicopedagoga, Fonoaudióloga e Psicóloga, para posteriormente dar início ao tratamento relacionado aos sintomas da dislexia. Quanto mais cedo identificado, menores serão os prejuízos acadêmicos e sociais que essa criança estará exposta. Muitas delas apresentam baixa autoestima e são condenadas como crianças que não aprendem ou que não se esforçam.

Estudos científicos internacionais correlacionam a dislexia com uma série de transtornos comportamentais, tais como o transtorno de déficit de atenção / hiperatividade, encontrado em aproximadamente 25% dos jovens com dislexia, a depressão infantil

e os transtornos ansiosos. Podendo ainda existir outros transtornos de aprendizagem, tais como a discalculia e a disortografia, que devem ser tratadas simultaneamente.

O tratamento da dislexia está baseado em programas fonoaudiológicos associados a psicopedagogia. O trabalho do psicoterapeuta é informativo para pais e professores, pois será fundamental para impedir o prejuízo relacionado a desinformação, rotulando muitas vezes a criança como preguiçosos, incapazes ou até mesmo de incompetentes.

#### **4.2.1 Relato de Caso**

O depoimento da aluna “Ester” revela que ela se sentia muito reprimida, envergonhada e “burra”, por não conseguir ler e escrever. Com isso Ester era uma criança agressiva, pois a forma de se defender dos olhares e comentários dos colegas era batendo.

Hoje, Ester é uma aluna bem resolvida e segura, graças a terapia que continua com a Psicopedagoga e com a ajuda da mãe, amiga e professores.

Abaixo segue o relato de Ester:

*“Eu sempre estudei em escola pública, quando estava cursando o 5º ano do ensino fundamental, minha mãe começou a perceber que eu não sabia nada, faltando três meses para encerrar o ano, minha mãe começou a procurar uma escola particular, pois ela pensou que seria melhor para mim. Foi quando minha mãe marcou uma entrevista de ingresso em uma unidade da escola adventista. Ao fazer a entrevista a orientadora percebeu que eu não sabia ler e escrever. Ela disse à minha mãe, que eu não*

conseguiria ir para o 6º ano e em suas palavras minha mãe entendeu que a orientadora estava dizendo que minha mãe havia sido negligente com as minhas dificuldades, pois como poderia ter deixado uma criança chegar naquela situação ao 5º ano. Estudei 3 meses nessa escola, e a final do ano chamaram minha mãe e disseram que eu não teria condições de fazer o 6º ano.

Minha mãe foi chamada na escola e me encaminharam para uma psicopedagoga para fazer um diagnóstico, que foi uma mãe para mim. A Psicopedagoga, pediu para minha mãe para me transferir de escola, foi quando fui transferida para uma outra unidade da escola Adventista.

Nessa escola começaram os transtornos, pois como não conseguia ler e escrever, e não conseguia apresentar trabalhos em grupos, alguns alunos começaram a fazer piadinhas, com isso fiquei muito agressiva e não conseguia fazer amizades.

Lembro que como não sabia ler e nem escrever, e com muita vergonha, eu fingia que estava lendo ou escrevendo.

Ester se lembra que na escola pública ela era chamada de burra e a professora dizia que ela nunca aprenderia.

Ao mudar para a escola Adventista a professora de religião a incentivou a fazer o estudo bíblico, gostei muito de ser convidada, mas não fiz, pois logo mudei de escola.

Na escola nova, depois de todo transtorno, o diretor achou melhor me mudar de horário, e fui para o período da manhã. Foi a melhor coisa, pois a professora, deste ano escolar, foi fundamental para o meu crescimento, pois ela fazia tudo diferenciado para mim e foi me ajudando na alfabetização, consegui fazer amizade, amizade essa que perdura até hoje no Ensino Médio.

*Nessa época que a psicopedagoga detectou o porquê de tanta dificuldade, meu diagnóstico DISLEXIA E DISCALCULIA.*

*Lembro também que eu pedia ajuda para minha mãe para fazer as lições, mas ela não tinha paciência e muitas vezes me chamava de burra. Isso para mim era horrível, pois não conseguia fazer as coisas na escola e em casa minha mãe não me ajudava. Porém, a partir do 6º ano ela começou a ajudar, e ajuda até hoje.*

*Ao iniciar o tratamento com a Psicopedagoga sempre dizia a ela que nunca eu conseguiria escrever, mas ela provou o contrário e me alfabetizou, comecei a ler e escrever já estava no 7º ano. Fugia de leitura, trabalho em grupo era a morte. Hoje, tudo mudou...”*

Ester lembra com alegria do dia em que começou a ler. Ainda tem muita dificuldade, pois muitas vezes quando vai ler, parece que tudo está em branco, parece que não leu nada. Ela diz que tem muitas trocas nas letras d/b, u/n, p/q e 3/E. Mas, mesmo com toda dificuldade, ela gosta muito de ler livro dinâmicos.

Com o tratamento, a mãe de Ester, conseguiu enxergar a filha maravilhosa que tem. Ester é o seu orgulho.

Hoje, Ester está finalizando o Ensino Médio e pretende fazer o Curso de Arquitetura na Faculdade Pública. *A dislexia não será um empecilho, diz seguramente.*

Ester é muito agradecida a todos que acreditaram nela e sempre a ajudaram. Aos professores, as coordenadoras, as orientadoras e principalmente quem lhe dá força até hoje, a sua psicopedagoga.

### **4.3 Entendendo o processo de leitura**

Algumas dificuldades básicas frequentemente observadas em crianças com dislexia são: leitura lenta, monossilábica, com pouca entonação de voz e com tropeços na leitura de palavras longas.

Normalmente ocorre uma tentativa de adivinhação de palavras, e muitas vezes existe a necessidade de uso do contexto para entender o que está sendo lido. Por outro lado, ao escutar um texto lido, não há dificuldade de compreensão, evidenciando-se de que se trata de uma dificuldade específica da leitura.

Segundo Teixeira (2013, p. 218), o ato de ler é um processo complexo e depende de uma rápida e fluente decodificação com reconhecimento dos grafemas (letras) que formam as palavras. Basicamente pode ser dividido em duas grandes funções: a atividade de análise, através da qual ocorre a associação letra-som (decodificação) e o reconhecimento de palavras, com acesso a seu significado; e o processo de construção, no qual ocorre a formação de frases e o acesso a seus significados, à compreensão dos enunciados e à relação com conhecimentos prévios.

Crianças com dislexia apresentam dificuldade na primeira função, na atividade de análise. Elas não conseguem associar uma letra a seu som, então, dessa forma, apresentam dificuldade em identificar fonologicamente esses símbolos. Além disso, o processo de construção de frases é prejudicado pelo “esforço” despendido para se agruparem as diferentes letras, com diferentes sons para se formarem as palavras.

O disléxico achará complicado analisar conteúdos, poderá apresentar leitura lenta, com dificuldade, por exemplo, para: ler legendas numa tela de cinema ou entender enunciados e frases,

aprender outros idiomas; e escrever, apresentando erros de concordância verbal, inversões, trocas ou omissões de letras durante a elaboração de textos.

### **Características comuns do dislético:**

- A aprendizagem é normal nas outras disciplinas.
- Há atraso de fala.
- Há uma imaturidade fonológica.
- Há dificuldades para realizar rimas aos quatro anos.
- Faz confusões temporal-espacial, esquema corporal e lateralidade (palavras e conceitos).
- Dificuldade na habilidade motora fina (na preensão do lápis e na escrita).
- Dificuldade em copiar do quadro.
- Há dificuldade em realizar provas de consciência fonológica, pois a leitura é vagarosa e com erros.
- Há dificuldade para aprender a correspondência letra-som.
- A principal característica é a dificuldade na relação entre letra (grafema) e som (fonema).
- Tendência a reversão de “d” por “b” e na inversão “u” e “n”.
- Não retenção de sequências visuais: NADA – NDA.
- Problemas de análise e síntese (dificuldade com o alfabeto, quebra-cabeça e outros similares).
- Testes de prontidão revelam resultados rebaixados sem habilidades auditivas, memória visual.
- Dificuldade em memorizar tabuadas, figuras geométricas e mapas.
- Dificuldades nos esportes.
- Desenhos tendem a ser inferiores, carentes de detalhes.
- Preferência por atividades auditivas.
- Vocabulário e nível de leitura pobre para a idade.

#### **4.4 Importante o professor saber**

A dislexia está relacionada com possíveis dificuldades, cada uma em termo da natureza da dificuldade e da sua identificação e avaliação. Deverão ser examinadas as dificuldades visuais, do processamento visual, dificuldade da coordenação motora, memória verbal e curto prazo e sequenciação. A seguir são consideradas a identificação e a avaliação em parceria com o professor, o coordenador e psicopedagogo ou outro especialista.

O professor precisa ter um olhar diferenciado para cada aluno, principalmente a aquele aluno que demonstra interesse em sua disciplina, mas ao mesmo tempo tem muito dificuldade em se expor. O professor precisa saber que o aluno com dislexia ele apresenta uma dificuldade acentuada e persistente para aprender a ler, escrever e soletrar, apesar do progresso em outras áreas. Os alunos podem ter compreensão na leitura, escrita manual e pontuação deficientes. Eles também podem ter dificuldades de concentração, organização e em lembrar sequencias de palavras. Podem errar a pronuncia de palavras comuns ou inverter letras e sons nas palavras.

Para que a criança com dislexia se sinta inserida no contexto escolar, o professor e a escola necessitam:

- Conhecer a fundo as possibilidades dos seus alunos conforme sua maturidade afetiva e intelectual.

- Analisar os fatores individuais e ambientais presentes e passados que tenham favorecido ou perturbado o desenvolvimento da criança.
- Ajustar os aspectos anteriores para determinar os objetivos da aprendizagem para cada aluno em particular.
- Manter relações frequentes e cooperativas com os pais.
- Realizar uma análise qualitativa e não quantitativa do processo e não somente dos resultados.
- Estimular a capacidade para colocar-se em contato com os demais por meio de brincadeiras, do diálogo e do trabalho em comum.
- Favorecer alternância nas atividades grupais e individuais.
- Compreender as relações lógicas de medo, angústia e rejeição que a aprendizagem gera.

A criança deve-se sentir compreendida e aceita, tanto pela família como pelo professor e saber que o professor não se decepciona com ela por apresentar dificuldades no seu processo de aprendizagem.

Rotta et al (2006, p. 178), diz que “há um reconhecimento da sociedade de que a leitura e a escrita são habilidades importantes para o sucesso profissional, entretanto, portadores de dislexia poderão desenvolver outras habilidades e terem sucesso profissional e social, sobretudo se forem diagnosticados precocemente e receberem orientação adequada”.

O professor deve saber que as crianças não podem ser iguais, nem aprender da mesma forma e com materiais idênticos. Ele deve descobrir por meio da dinâmica da classe que sua dificuldade não é a única. Que não é um castigo, nem uma culpa pela qual deve

pagar com o fracasso. Deve, ainda, mostrar apreço e ter instrumental para permitir a criança descobrir em si mesma suas possibilidades, reconhecer suas dificuldades e aprender a partir dela.

As tarefas escolares deverão ser planejadas e orientadas. A recuperação não deve ser centrada na forma exclusiva ou predominante sobre a dificuldade, pois condiciona o fracasso ao propor precisamente aquilo em que o aluno falha e provoca desinteresse e resistência no aluno.

#### **4.5 Características das dificuldades de leitura: sua identificação e avaliação**

As dificuldades de leitura podem incluir certas características. A criança pode:

- Hesitar nas palavras;
- Confundir – letras com formas semelhantes, como u e n;
- Palavras visualmente semelhantes, como pato e bato;
- Palavras pequenas, como isso e é;
- Omitir os finais das palavras;
- Cometer erros referentes a palavras semanticamente relacionadas, por exemplo, ler gato em vez de cão;
- Palavras polissílabas como animal, corredor, família e assim por diante;
- Gramática, incluindo o uso inadequado dos tempos verbais.

A identificação e a avaliação das dificuldades de leitura incluem:

- Um perfil dos tipos de erros que o aluno comete, por exemplo, pela análise das hesitações ou erros;
- Uma indicação de como o aluno lê (por exemplo, se ele hesita nas palavras);
- Uma indicação de se ele prefere a leitura silenciosa ou em voz alta, e se em uma delas há menos erros do que na outra.

É importante analisar as dificuldades de escrita e sua identificação e avaliação e o que a criança deve:

- Evitar em escrever;
- Ter dificuldade em copiar da lousa e achar mais fácil copiar de algum material em sua mesa ou escrivaninha;
- Ter um estilo de vida manual inadequado.
- A identificação e avaliação das dificuldades de escrita incluem:
- A maneira como o aluno encara a tarefa (por exemplo com relutância);
- A observação de que copiar da lousa parece particularmente difícil;
- A adequação do estilo de escrita manual da criança.

Quanto as dificuldades de ortografia e sua identificação e avaliação, a criança pode ter dificuldade com:

- As terminações er, or e ar das palavras;
- Palavras comumente utilizadas, assim como as mais raramente utilizadas;
- certos sons como S e Z, pois sua pronuncia e muito parecida, casa escreve caza.

A criança tende a:

- Escrever foneticamente (por exemplo caxoro em vez de cachorro);
- Omitir o meio ou o final da palavra;
- Escrever certas palavras de forma inadequada (nesesario, necesario, neseçari,e assim por diante, ao em vez de necessário);
- Escrever letras ou sílabas na sequência errada.

A identificação e avaliação da dificuldade ortográfica de um aluno incluem um perfil dos tipos de erros cometidos por ele.

#### **4.5 O que a família pode fazer**

Todos os pais antes de seu filho nascer, começa a criar um sonho de como esse filho será. Ele imagina que seu filho poderá tocar um instrumento musical, que será um ótimo aluno, que passará com notas boas, que será um médico talentoso. Ou simplesmente que ele viva uma vida feliz e digna, livre de medos ou insegurança. Ninguém deseja um filho que tenha transtorno de aprendizagem para enfrentar por toda vida.

Então, como os pais saberão se que seu filho tem dislexia? Normalmente, até que a criança comece a ler, e muitas vezes leva algum tempo para detectar a dislexia, pois em muitos casos a dislexia aparece muito antes do processo de leitura, como no atraso na fala. No período da alfabetização é normal a criança trocar as

letras de lugar em uma palavra quando leem ou escrevem, porém, a partir do 3º ano do fundamental I, isto é aos oitos anos, se essas trocas persistirem, os pais deverão procurar um especialista para realizar alguns exames específicos na qual poderá dizer se ele é um disléxico. Esses exames são feitos após a criança apresentar problemas constantes na leitura. Os pais, assim que alertados pela escola, deverão procurar uma avaliação da capacidade de leitura (decodificação, memória, compreensão e velocidade), serão pedidos outros exames para detectar problemas visuais ou auditivos.

Os pais deverão ficar atentos a outros indícios, pois a dislexia é um transtorno invisível, tais como:

- Baixa- autoestima.
- Dificuldades para soletrar.
- Confusão entre esquerda e direita.
- Problemas para seguir direção.
- Demora para terminar exercícios de escrita
- Dificuldades com a Matemática.
- Relutância em ir à escola.

E agora, detectou que seu filho tem dislexia, o que fazer? Os pais deverão com o apoio da Psicopedagogo, desenvolver estratégias e dar o máximo apoio, pois é isso que a criança necessita, para que ela tenha uma vida normal.

De acordo com Robert Frank (2003, p. 18):

Encoraje seu filho a falar de seus medos. Ele precisa saber que você não vai rir dele ou depreciar suas preocupações. Mesmo que seus medos u aflições parecem fantasiosos a você,

são muitos reais para ele. Ser indiferente a eles ou dizer “Oh, não se preocupe tanto com isso, você vai se sair bem” é um grande erro. Em vez disso, escute seu filho com atenção e então fale sobre estratégias e maneiras de lidar com as novas situações. Deixe seu filho saber que ele pode vir a você a qualquer momento para falar o que está perturbando. Posso assegurar que os medos de seu filho são bem reais. Entretanto, com seu apoio e estímulo, podem ser controlados.

O sucesso dos disléxicos tem uma relação direta com a família, pois é ela que dará o direcionamento e o encorajamento. Trabalhar metas concretas com seu filho, pois lhe dará um direcionamento para encontrar o sucesso. Crie metas possíveis, específicas e desafiadoras, para ajudar seu filho.

A família poderá trabalhar com o PEI (Programa de Educação Individualizada), apesar de ser um programa para os professores seguirem em sala, os pais também podem utilizar em casa, pois será um guia de como seu filho poderá aprender melhor. Trabalhando com a escola e com o profissional que fez o diagnóstico, você poderá identificar qual a melhor forma de aprendizagem e adaptar as metas ao estilo de seu filho. O PEI deverá ser muito bem estudado pelos pais, para que possam ajudar na dificuldade específica de seu filho. Somente o auxilie nas tarefas que ele não consegue fazer sozinho, pois isso é muito importante para que seu filho trilhe seu próprio caminho para o sucesso. Crie somente metas que sejam precisas com as áreas problemáticas a serem trabalhadas.

As metas deverão ser específicas, pois caso não sejam específicas, elas serão ignoradas e não alcançadas, pois se não estiver muito bem detalhada no PEI, o professor poderá não entender e passar despercebido. Portanto, é importante envolver o filho nas decisões sobre as metas, buscando sua opinião e de como poderá ser alcançada.

A organização também é muito importante, tanto para os pais como para a criança. Os pais devem manter os arquivos sobre o PEI e o diagnóstico de seu filho, bem como documentos que mostrem o seu progresso, pois quando for a reunião na escola, leve sua pasta de arquivos, assim mostrará aos educadores que você é organizado e se preocupa com a situação de seu filho.

Os pais são os grandes incentivadores de seus filhos, por isso, é necessário criar metas temporais, onde serão determinados os prazos para serem realizadas. A criança com dislexia tem que ter o apoio emocional da família, pois elas enfrentam frustrações frequentes, por isso a família tem que ser seu porto seguro.

## **5 O PAPEL DA INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA**

O psicopedagogo é um dos profissionais capacitados para o tratamento da dislexia, pois o seu papel psicopedagógico é de extrema importância. Ele atuará como orientador e direcionador do processo de crescimento, mas não será unicamente responsável pela eliminação da sintomatologia do sujeito (CHAMAT, 2008).

Durante o acompanhamento com o disléxico, é necessário estabelecer uma harmonia entre família, escola e terapeuta, pois todos deverão estar envolvidos com as questões de aprendizagem desse indivíduo. Segundo Sanchez (*apud*: ROTTA et al., 2006, p. 173), a formação dessa rede é indispensável para avaliar os progressos, os pontos de dificuldades, os tropeços e a necessidade de mudança de estratégia.

A primeira medida psicopedagógica após o diagnóstico é realizar uma entrevista devolutiva aos pais, relatar as reais dificuldades da criança e explicar como será realizado o seu trabalho, para eliminar qualquer expectativa que não procede em seu trabalho. Ele deverá ter uma postura de compreensão das atitudes paternas diante do problema e nunca de crítica, pois o psicopedagogo encontra-se munido de um aparato teórico e de uma compreensão que os pais não têm no momento.

Deve-se mostrar aos pais os apontamentos percebidos na leitura da queixa secundária, na realização da anamnese (procedimento esse, que tem a finalidade de obter informações sobre a história da criança, descartar problemas auditivos ou visuais) e durante todo o diagnóstico.

A intervenção psicopedagógica, na visão de Chamat (2008, p. 63), é um trabalho voltado para a área biopsicossocial de forma integrada.

Na visão bio, os exercícios de estimulação, da discriminação visomotora, coordenação visomotora e espaço/temporal, como também, exercícios específicos e jogos para trabalhar os emergentes e os déficits psicopedagógicos são necessários. O

trabalho com as dificuldades específicas devem ser desenvolvidos de forma lúdica.

Em se tratando do Psico, deve ser trabalhado a questão do fracasso, autoestima, perseverança, frustração do não-aprender, o vínculo com o “conhecimento” na relação vincular e uso da interrelação e jogos (trabalho do psicólogo).

No Social, se trabalha com a família para orientar a eliminar os 3 Ds: depósito, depositante e depositário. O trabalho deve ser de forma integrada, assim como a vínculo e o cognitivo; além disso, deve-se pesquisar suas relações sociais, principalmente as pertinentes ao aspecto de cooperação e sociabilidade, ressaltando os problemas do fracasso familiar.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante do exposto, fica claro que a dislexia é uma questão desafiadora e preocupante, pois é necessária uma maior aproximação do docente, junto ao discente disléxico. Mas, para que isso aconteça a escola tem que organizar adaptações que façam jus as necessidades do aluno disléxicos, não o discriminando e trabalhando com a sua autoestima. Reforçamos que os docentes necessitam de uma formação mais ampla e continuada à realidade escolar com discentes disléxicos, para que possa haver teoria ligada a prática, diferenciando metodologias e estratégias, juntamente com a família e a psicopedagoga envolvida para que

essa parceria traga resultados positivos, permitindo que o disléxico supere suas dificuldades e evite o fracasso escolar.

O caso apresentado nos evidenciou que o disléxico, não perde necessariamente a vontade de aprender, mas sim que ele poderá enfrentar, superar, bem como cursar a universidade.

## REFERÊNCIAS

ACAMPORA, Bianca. **Psicopedagogia Clínica: O despertar das potencialidades**. 3 ed. Rio de Janeiro, Wak, 2015.

ALMEIDA, Geraldo Peçanha de. **Dificuldades de aprendizagem em leitura e escrita**. 3 ed. Rio de Janeiro, Wak, 2011.

CHAMANT, Leila Sara José. **Técnicas de intervenção psicopedagógica: para dificuldades de aprendizagem.** São Paulo, Vetor, 2008

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais.** Petrópolis, Vozes, 2013.

COPETTI, Jordano. **Dificuldades de Aprendizagem – Manual de orientação para pais e professores.** 2 ed rev e atual. São Paulo, Grupo Cultural, Juruá, 2008.

DUBOIS, Jean et ali. **Dicionário de linguística.** Direção e coordenação geral de Izidoro Blinsein. São Paulo, Cultrix, 1993.

FARRELL, Michael. **Dislexia e outras dificuldades de aprendizagem específicas: guia do professor.** Porto Alegre, Artmed, 2008.

FRANK, Robert. **A vida secreta da criança com dislexia.** São Paulo, M. Books do Brasil, 2003.

GOLDFELD, Marcia. **Fundamentos em fonoaudiologia: Linguagem.** Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 1998.

ROSA, Maria Virginia de Figueiredo Pereira do Couto; ARNOLDI, Marlene Aparecida Gonzalez Colombo. **A Entrevista na pesquisa qualitativa – Mecanismo para validação dos resultados.** Belo Horizonte, Autêntica, 2006.

ROTTA, Newra Tellechea; OHLWEILER, Lygia; RIESGO, Rudimar dos Santos. **Transtornos da aprendizagem – Abordagem Neurobiológica e Multidisciplinar.** Porto Alegre, Artmed, 2006.

SHAYWITZ, Sally. **Entendendo a dislexia – um novo e completo programa para todos os níveis de problemas de leitura.** Porto Alegre, Artmed, 2006.

TEIXEIRA, Gustavo. **Manual dos transtornos escolares: Entendendo os problemas de crianças e adolescentes na escola.** Rio de Janeiro, Best Seller, 2013.

ZORZI, Jaime Luiz. **Aprendizagem e distúrbios da linguagem escrita: questões clínicas e educacionais.** Porto Alegre, Artmed, 2003.